



Os Cartistas¹

Karl Marx

Correspondência do N.Y. Tribune

Londres, terça-feira, 10 de Agosto de 1852.

Enquanto os Conservadores,² os Liberais,³ os Peelistas⁴ - na verdade, todos os partidos sobre os quais comentamos até aqui - pertencem mais ou menos ao passado, os Livre-Cambistas⁵ (os homens da Escola de Manchester, os Reformadores Financeiros e Parlamentares) são os *representantes oficiais da sociedade inglesa moderna*, os representantes daquela Inglaterra que rege o mercado do mundo. Eles representam o partido da burguesia autoconsciente, do capital industrial que se esforça por fazer de seu poder social também um poder político e por erradicar os últimos arrogantes vestígios da sociedade feudal. Esse partido é liderado pela parcela mais ativa e com mais força da burguesia inglesa - os industriais. O que eles reivindicam é a ascendência completa e indisfarçada da burguesia, a sujeição aberta, oficial de toda a sociedade sob as leis da produção burguesa, moderna e sob o domínio daqueles homens que são os diretores dessa produção. Por Livre Comércio eles querem dizer o movimento irrestrito do capital, liberto de todos os

* Tradução: Pedro Crem (Membro do Núcleo de Estudos d'O Capital).

1. No original, "Chartists" (Nota do Tradutor).
2. Tories (N.T.).
3. Whigs (N.T.).
4. No original, "Peelites", conservadores que apoiavam Sir Robert Peel, principalmente em sua reprovação às Leis do Milho de 1846 (N.T.).
5. Free Traders (N.T.).

grilhões políticos, nacionais e religiosos. O solo deve ser uma mercadoria comercializável, e a exploração do solo deve ser conduzida de acordo com as leis comerciais comuns. Há de existir fabricantes de alimentos, bem como fabricantes de tecidos e algodões, mas não mais quaisquer senhores da terra. Não haverá, resumindo, de serem toleradas quaisquer restrições, regulamentos ou monopólios políticos ou sociais, a menos que eles procedam das “leis eternas da economia política”, isto é, das condições sob as quais o capital produz e distribui. A luta deste partido contra as velhas instituições inglesas, os produtos de um estágio superado e evanescente do desenvolvimento social é retomada na palavra de ordem: *Produza tão barato quanto puder, e se desfaça de todos os faux frais⁶ da produção* (com todas as despesas desnecessárias, supérfluas da produção). E esta palavra de ordem é dirigida não só para o indivíduo privado, mas para a *nação como um todo*, principalmente.

A realeza, com seus “esplendores bárbaros”, a sua corte, a sua lista civil⁷ e seus lacaios - a que mais ela pertence, senão ao *faux frais* da produção? A nação pode produzir e trocar sem a realeza; fora com a coroa. As sinecuras da nobreza, a Câmara dos Lordes? *Faux frais* da produção. O grande exército permanente? *Faux frais* da produção. As colônias? *Faux frais* da produção. A Igreja do Estado, com suas riquezas, os espólios de pilhagem ou de mendicância? *Faux frais* da produção. Deixem os clérigos competirem livremente uns com os outros, e cada um pague-os de acordo com sua própria vontade. Toda a rotina minuciosa do Direito Inglês, com o seu Tribunal de Chancelaria? *Faux frais* da produção. Guerras nacionais? *Faux frais* da produção. A Inglaterra pode explorar as nações estrangeiras de forma mais barata, enquanto em paz com elas.

Veja, para estes campeões da burguesia britânica, para os homens da escola de Manchester, cada instituição da Velha Inglaterra aparece à luz de uma peça de maquinário tão cara quanto inútil, e que não cumpre nenhum outro propósito senão impedir a nação de produzir a maior quantidade possível ao menor custo possível, e de trocar seus produtos em liberdade. Necessariamente, sua última palavra é a *República Burguesa*, na qual a livre concorrência reina absoluta em todas as esferas da vida; em que permanece de um modo geral aquele mínimo apenas de governo, que é indispensável para a administração, interna e externamente, da classe comum, do interesse e dos negócios da Burguesia; e onde este mínimo de governo é tão sóbria

6. *Faux frais*, literalmente “falsos custos”. Em francês no original (N.T.).

7. Lista civil, no Reino Unido, era um subsídio fixo anual votado pelo Parlamento e pago ao monarca para cobrir suas despesas oficiais no papel de chefe de Estado (N.T.).

quanto economicamente organizado possível. Tal partido, em outros países, seria chamado *democrático*. Mas ele é necessariamente revolucionário, e a completa aniquilação da Velha Inglaterra como um país aristocrático é o fim que persegue com mais ou menos consciência. Seu objetivo mais próximo, entretanto, é a obtenção de uma reforma parlamentar que deverá transferir para suas mãos o poder necessário para tal revolução.

Mas a burguesia britânica não são franceses excitáveis. Quando eles pretendem encaminhar uma reforma parlamentar não farão uma Revolução de Fevereiro. Pelo contrário. Tendo obtido, em 1846, uma grandiosa vitória sobre a aristocracia rural pela revogação das Leis do Milho, eles ficaram satisfeitos em reforçar as vantagens materiais dessa vitória, enquanto negligenciaram tirar as conclusões políticas e econômicas necessárias a partir dela, e, assim, permitiram aos Liberais restabelecerem-se em seu monopólio hereditário do governo. Durante todo o tempo, de 1846 a 1852, eles se expuseram ao ridículo com seu grito de guerra: Grandes princípios e medidas práticas (leia *pequenas*). E por que tudo isso? Porque em cada movimento violento eles são obrigados a apelar para a *classe trabalhadora*. E, se a aristocracia é o seu oponente que define, a classe trabalhadora é seu inimigo que se ergue. Eles preferem se comprometer com o oponente que define a fortalecer o inimigo que se ergue, a quem pertence o futuro, por concessões de uma importância mais do que aparente. Portanto, eles se esforçam para evitar qualquer colisão forçosa com a aristocracia; mas uma necessidade histórica e os Conservadores os pressionam adiante. Eles não podem evitar cumprir sua missão, reduzindo a pedaços a Velha Inglaterra, a Inglaterra do Passado; e no momento exato em que terão conquistado o domínio político exclusivo, quando o domínio político e a supremacia econômica estiverem ao mesmo tempo nas mesmas mãos, quando, portanto, a luta contra o capital não for mais distinta da luta contra o governo existente - a partir daquele exato momento se dará a *revolução social da Inglaterra*.

Nós agora chegamos aos *Cartistas*, a porção politicamente ativa da *classe trabalhadora britânica*. Os seis pontos da Carta,⁸ pelos quais eles lutam contêm nada além da exigência do *Sufrágio Universal*, e das condições sem as quais o Sufrágio Universal seria ilusório para a classe trabalhadora; tais como o voto secreto, a remuneração dos parlamentares, as eleições gerais anuais. Mas o Sufrágio Universal é o equivalente a poder político para a classe trabalhadora da Inglaterra, onde o proletariado constitui a grande maioria da

8. Carta do Povo de 1838, publicada por um comitê formado por seis membros do parlamento e seis trabalhadores, incluindo William Lovett, e enviada ao Parlamento Inglês, clamando por seis reformas para tornar o sistema político mais democrático (N. T.).

população, onde, em uma longa, embora subterânea guerra civil, ganhou uma consciência clara da sua posição como classe, e onde até mesmo os distritos rurais já não conhecem quaisquer camponeses, mas apenas os senhores da terra, capitalistas industriais (fazendeiros) e trabalhadores contratados. A conquista do Sufrágio Universal na Inglaterra seria, portanto, uma medida muito mais socialista do que qualquer coisa que fosse honrada com esse nome no continente.

Seu resultado inevitável, aqui, é *a supremacia política da classe trabalhadora*.

Devo relatar, em outra ocasião, sobre a revitalização e reorganização do Partido Cartista. Para o momento eu só tenho que tratar da recente eleição.

Para ser um eleitor para o Parlamento britânico, um homem deve ocupar, nos distritos, uma casa avaliada em L\$10 no mínimo e, nos condados, ele deve ser um proprietário do montante anual de 40 shillings ou um arrendatário do montante de L\$50. Só a partir destes pré-requisitos é que os cartistas poderiam, oficialmente, participar, mas minimamente, da batalha eleitoral recém-concluída. A fim de explicar a verdadeira participação que tiveram nela, devo lembrar uma peculiaridade do sistema eleitoral britânico:

Dia da Nomeação e Dia da Declaração! Braços erguidos e Votação!

Quando os candidatos fizeram a sua aparição no dia da eleição, e discursaram publicamente para as pessoas, foram eleitos, em primeira instância, pelos braços erguidos, e todo braço tinha o direito de ser erguido, tanto o braço do não eleitor como aquele dos eleitores. Qualquer que fosse a pessoa para quem a maioria dos braços fosse erguida, essa pessoa seria declarada, pelo oficial responsável, (provisoriamente) eleita pelos braços erguidos. Mas agora a medalha mostra seu reverso. A eleição por braços erguidos era uma mera cerimônia, um ato de polidez formal para com o “povo soberano”, e a polidez cessa tão logo o privilégio seja ameaçado. Porque, se os braços erguidos não elegerem os candidatos dos eleitores privilegiados, estes candidatos exigem uma votação; apenas os eleitores privilegiados podem participar da votação, e quem quer que tenha lá a maioria dos votos é convenientemente declarado eleito. A primeira eleição, por braços erguidos, é uma demonstração de satisfação permitida, por um momento, à opinião pública, a fim de convencê-la, no momento seguinte, de maneira ainda mais chocante, de sua impotência.

9. Chancellor of the Exchequer, cargo equivalente a Ministro das Finanças ou Fazenda ou Secretário do Tesouro (N.T.).

Pode parecer que esta eleição por braços erguidos, esta formalidade perigosa, tenha sido inventada a fim de ridicularizar o sufrágio universal, e para desfrutar de algum divertimento um pouco aristocrático à custa da “ralé” (expressão do Major Beresford, Secretário de Guerra). Mas isso seria uma ilusão, e o velho costume, originalmente comum a todas as nações teutônicas, poderia arrastar-se, pela tradição, até o século XIX, porque deu à classe parlamentar britânica, de forma barata e sem perigo, uma aparência de popularidade. As classes dominantes desenharam conforme este costume a satisfação da qual a massa do povo tomou parte, com mais ou menos paixão, em seus interesses setoriais assim como em seus interesses nacionais. E foi só quando a burguesia tomou uma posição independente ao lado dos dois partidos oficiais, os Liberais e Conservadores, que as massas trabalhadoras levantaram-se, nos dias de nomeação em nome próprio. Mas em nenhum ano anterior o contraste dos braços erguidos e da Votação, do Dia da Nomeação e do Dia da Declaração, foi tão sério, tão bem definido por princípios opostos, tão ameaçador, tão geral, sobre toda a extensão do país, como nesta última eleição de 1852.

E que contraste! Era suficiente ser nomeado pelos braços erguidos para que fosse batido na votação. Era suficiente ter a maioria na votação, para que fosse saudado, pelo povo, com maçãs podres e pedradas. Os membros oportunamente eleitos do Parlamento, antes de tudo, tiveram um grande trabalho para manter sua própria integridade corporal parlamentar em segurança.

De um lado a maioria do povo, do outro um doze avos da população como um todo, e a quinta parte da soma total dos homens adultos que habitam o país. De um lado entusiasmo, do outro suborno. De um lado partidos renegando seus próprios sinais distintivos, Liberais pleiteando o conservadorismo, Conservadores proclamando o liberalismo dos pontos de vista; do outro, o povo, proclamando sua presença e pleiteando sua própria causa. De um lado uma máquina desgastada que, girando incessantemente em seu círculo vicioso, nunca é capaz de mover um único passo adiante, e o processo impotente de fricção pelo qual todos os partidos oficiais gradualmente reduzem um ao outro a pó; do outro, a massa da nação que avança, ameaçando explodir o círculo vicioso e destruir a máquina oficial.

* * *

Eu não devo acompanhar, através de toda a extensão do país, este contraste entre a nomeação e a votação, da ameaçadora demonstração eleitoral da classe trabalhadora, e as tímidas manobras eleitoreiras das classes dominantes. Eu tomo um bairro da massa, onde o contraste está concentrado em um foco: a eleição de Halifax. Aqui os candidatos

opositores foram: Edwards, (Conservador); Sir Charles Wood (antigo Chanceler do Tesouro⁹ Liberal, cunhado do Conde Grey); Frank Crossley, (homem de Manchester); e, finalmente, Ernest Jones, o mais talentoso, consistente e enérgico representante do Cartismo. Sendo Halifax uma cidade industrial, os Conservadores tinham pouca chance. O homem de Manchester Crossley estava associado com os Liberais. A luta séria, então, fica apenas entre Wood e Jones, entre o Liberal e o Cartista:

Sir Charles Wood fez um discurso de cerca de meia hora, praticamente inaudível no começo, e, durante sua metade final, para a desaprovação da imensa multidão. Seu discurso, conforme relatado pelo repórter, que estava sentado junto a ele, era apenas uma recapitulação das medidas de Livre Comércio passadas, e um ataque ao governo de Lorde Derby, e uma louvação da “prosperidade sem igual do país e do povo!” - [Ouçam, ouçam.]. Ele não propôs uma única nova medida de reforma; e senão vagamente, em pouquíssimas palavras, aludiu ao projeto de lei para franquia de Lorde John Russel.

Eu dou um resumo mais extenso do discurso de E. Jones, como você não encontrará em nenhum dos grandes jornais londrinos da classe dominante.

Ernest Jones, que foi recebido com imenso entusiasmo, então falou como se segue: Eleitores e Não Eleitores, vocês se encontraram em um grande e solene festival. A Constituição reconhece o Sufrágio Universal hoje na teoria, podendo, talvez, negá-lo na prática amanhã. Hoje os representantes de dois sistemas estão diante de vocês, e vocês têm que decidir por qual vocês devem ser governados por sete anos. Sete anos – uma pequena vida! Eu os convoco a fazer uma pausa às portas desses sete anos: hoje eles podem passar lenta e calmamente em revista diante de vocês: hoje decidam, vocês 20.000 homens! que talvez quinhentos possam desfazer sua vontade amanhã. [Ouçam, ouçam.] Eu digo que os representantes de dois sistemas estão diante de vocês. Liberais, Conservadores e mercadores de dinheiro estão à minha esquerda, é verdade, mas são todos uma coisa só. O mercador de dinheiro diz compre barato e venda caro. O Conservador diz compre caro, venda mais caro. Ambos são a mesma coisa para o trabalho. Mas o sistema antigo está por cima, e a miséria amargura até sua raiz. Tal sistema é baseado na concorrência externa. Agora, eu afirmo, que sob o princípio do compre barato e venda caro, aplicado à concorrência externa, a ruína das classes trabalhadora e dos pequenos comerciantes deve acontecer. Por quê? O Trabalho é o criador de toda a riqueza. Um homem tem que trabalhar antes que um grão esteja maduro ou uma jarda seja tecida. Mas não há autoemprego para o trabalhador

neste país. Trabalho é uma mercadoria arrendada – trabalho é uma coisa no mercado que é comprada e vendida; conseqüentemente, como o trabalho cria toda a riqueza, o trabalho é a primeira coisa comprada – “Compre barato! Compre barato!” O trabalho é comprado no mercado mais barato. Mas agora vem a próxima: “Venda caro! Venda caro!” Venda o quê? O produto do trabalho. Para quem? Para o estrangeiro – sim! E para o *próprio trabalhador* – porque o trabalho, não sendo autoempregado, o trabalhador *não* participa dos primeiros frutos de sua labuta. “Compre barato, venda caro”. O que você acha disso? “Compre barato, venda caro”. Compre o esforço do trabalhador barato, e venda de volta para aquele mesmo trabalhador o produto de seu próprio trabalho caro – ele vende, e na venda ele tem que fazer lucro; ele vende para o próprio trabalhador – e assim toda barganha entre empregador e empregado é uma trapaça deliberada da parte do empregador. Assim o trabalho tem que afundar através da eterna perda, para que o capital possa subir através da fraude permanente. Mas o sistema não para aqui. *Ele é aplicado à concorrência externa – quer dizer, nós precisamos arruinar o comércio com os outros países, assim como arruinamos com nosso próprio trabalho.* Como isso funciona? O país altamente tributado tem que vender a preço inferior o pouco tributado.

A concorrência no exterior está constantemente aumentando – conseqüentemente o barateamento precisa aumentar constantemente também. Portanto, os salários na Inglaterra precisam continuar caindo constantemente. E como eles causam a queda? Pelo *trabalho excedente*. Como eles obtêm o trabalho excedente? Pelo monopólio da terra, que impele mais mãos do que são desejadas dentro da fábrica. Pelo monopólio do maquinário, que impele essas mãos para as ruas – pelo trabalho feminino que expulsa o homem da máquina de costura – pelo trabalho infantil que expulsa a mulher do tear. Então ficando seu pé sobre essa base viva de excedente, eles pressionam seu coração dolorido sob calcanhar deles, e gritam “Fome! Quem vai trabalhar? Metade de um pão é melhor do que pão nenhum” – e a massa convulsionante agarra-se avidamente aos seus termos. [Gritos altos de “Ouçam, ouçam”] Tal é o sistema para o homem trabalhador. Mas, Eleitores! Como ele opera sobre vocês? Como ele afeta o comércio doméstico, o lojista, a contribuição dos pobres¹⁰ e a taxação? Para cada crescimento na competição lá fora, deve haver um aumento do barateamento internamente. Cada aumento no barateamento do trabalho é baseado no aumento do trabalho excedente, e este excedente é obtido por um aumento do maquinário. Eu repito, como ele opera sobre vocês!

10. Poor's rate: um tributo sobre a propriedade arrecadado por cada paróquia na Inglaterra e no País de Gales para ajudar os pobres (N.T.).

O Liberal de Manchester à minha esquerda estabeleceu uma nova patente, e lança trezentos homens como um excedente nas ruas. Lojistas! Trezentos clientes a menos. Pagadores de contribuição! Trezentos pobres a mais [Fortes aplausos]. Mas, tomem nota do que eu digo! O mal não pára por aí. Esses trezentos homens operam primeiro para rebaixar os salários daqueles que permanecem trabalhando em seus próprios ofícios. O empregador diz, “Agora eu reduzo seus salários.” Os homens protestam. Então ele acrescenta: “Vocês vêem aqueles trezentos homens que acabaram de sair – *vocês podem trocar de lugar com eles se quiserem*, eles desejam muito entrar sob quaisquer condições, pois eles estão famintos.” Os homens sentem o golpe, e são subjugados. Ah! Vocês Liberais de Manchester! Fariseus da política! Aqueles homens estão ouvindo – eu os peguei agora? Mas o mal ainda não parou. Aqueles homens, expulsos de seu próprio ofício, buscam emprego em outros, quando eles expandem o excedente, e derrubam os salários. Os ofícios mal pagos de hoje foram os ofícios bem pagos outrora – o bem pago de hoje será o mal pago em breve. Assim o poder de compra das classes trabalhadoras é diminuído todo dia, e com ele morre o comércio doméstico. Tomem nota, lojistas! Seus clientes empobrecem, seus lucros diminuem, enquanto seus pobres tornam-se mais numerosos e aumentam as contribuições dos pobres e os seus impostos. Seus recebimentos estão menores, suas despesas estão maiores. Vocês ganham menos e pagam mais. O que vocês acham do sistema? Sobre vocês o rico industrial e o proprietário de terras lança o peso da contribuição e dos impostos dos pobres. Homens da classe média! Vocês são a máquina pagadora de impostos dos ricos! Eles criam a pobreza que cria suas riquezas, e eles fazem vocês pagarem pela pobreza que eles criaram. O proprietário de terras escapa disso por privilégio, o industrial por repagar-se ao descontar do salário de seus homens, e isso reage sobre vocês. O que vocês acham do sistema? Bem, esse é o sistema sustentado pelos cavalheiros à minha esquerda. O que então eu proponho? Eu mostrei o errado. Isso é alguma coisa. Mas eu faço mais; eu estou aqui para mostrar o certo, e prová-lo. [Fortes aplausos].

Ernest Jones passou então a expor seus próprios pontos de vista sobre a reforma política e econômica, e continuou como segue:

* * *

Eleitores e não eleitores, eu trouxe agora diante de vocês algumas das medidas políticas e sociais, cuja adoção imediata eu defendo agora, como fiz em 1847. Mas, porque eu tentei estender as *suas* liberdades, as *minhas* foram restringidas. [Ouçam, ouçam.] Porque eu tentei erguer o templo da liberdade para todos vocês, eu fui lançado na cela de uma

prisão de criminosos; e ali, à minha esquerda, senta um de meus principais carcereiros. [Fortes e contínuos gemidos, dirigidos para a esquerda.] Porque eu tentei dar voz à verdade, eu fui condenado ao silêncio. Por dois anos e uma semana ele me atirou em uma prisão em confinamento solitário no sistema silencioso, sem pena, tinta, ou papel, apenas restos de estopa¹¹ no lugar. – Ah! [virando-se para Sir Charles Wood,] foi a sua vez por dois anos e uma semana; é a minha hoje. Eu convoco o anjo da vingança do coração de cada Inglês aqui presente. [Uma imensa explosão de aplausos.] Ouçam! Vocês sentem o vento de suas asas na respiração desta vasta multidão! [Renovados aplausos continuaram por longo tempo.] Vocês poderiam dizer que esta não é uma questão pública. Mas ela é! [Ouçam, ouçam.] É uma questão pública, pois o homem que não pode sentir pela esposa do prisioneiro, não sentirá pela esposa do trabalhador. Ele que não sentirá pelas crianças dos cativos não sentirá pelas crianças do trabalhador escravo. [“Ouçam, ouçam,” e aplausos.]

O passado dele prova isso, sua promessa de hoje não o contradiz. Quem votou pela coerção Irlandesa, pelo projeto da lei da mordaca, e adulteração da imprensa irlandesa? O Liberal! Está sentado ali! Expulsem-no! Quem votou quinze vezes contra a moção de Hume para as franquias; de Locke King nos condados, de Ewart para os pequenos parlamentos; e de Berkeley para as cédulas eleitorais? O Liberal! Está sentado ali! Expulsem-no! Quem votou contra a libertação de Frost, Williams e Jones? O Liberal! Está sentado ali! Expulsem-no! Quem votou contra a investigação dos abusos coloniais e a favor de Ward e Torrington, os tiranos da Jônia e do Ceilão? – O Liberal – está sentado ali: expulsem-no! Quem votou contra reduzir o salário do Duque de Cambridge de L\$12,000, contra todas as reduções no exército e na marinha; contra a revogação do imposto da janela, e 48 vezes contra todas as outras reduções de impostos, inclusive seu próprio salário? O Liberal – está sentado ali; expulsem-no! Quem votou contra a revogação da taxa do papel, da taxa da propaganda e dos impostos sobre o conhecimento? O Liberal – está sentado ali; expulsem-no! Quem votou pelos bandos de novos bispos, poucos vigários, a subvenção Maynooth, contra sua redução, e contra a isenção dos dissidentes de pagar contribuições para a Igreja? O Liberal – está sentado ali; expulsem-no! Quem votou contra a investigação da adulteração da comida? O Liberal – está sentado ali; expulsem-no! Quem votou contra reduzir a taxa do

11. Oakum picking: desfiar velhas cordas de estopa para que esta pudesse ser reutilizada, geralmente para a vedação dos navios de madeira, era um trabalho forçado a que os prisioneiros eram submetidos à época. Deixava as mãos cheias de bolhas e sangrando (N.T.).

açucar, e revogar a taxa do malte? O Liberal – está sentado ali; expulsem-no! Quem votou contra reduzir o trabalho noturno dos padeiros, contra investigar as condições das tricoteiras, contra os inspetores medicinais das casas de trabalho, contra a proibição de crianças pequenas trabalharem antes das seis da manhã, contra a assistência paroquial para as mulheres grávidas dos pobres, e contra o Projeto de Lei das Dez Horas? O Liberal – está sentado ali; expulsem-no! Expulsem-no, em nome da humanidade e de Deus! Homens de Halifax! Homens da Inglaterra! Os dois sistemas estão diante de vocês. Agora julguem e escolham! [É impossível descrever o entusiasmo incitado por este discurso, e especialmente no encerramento; a voz da vasta multidão, mantida em suspense sem fôlego durante cada parágrafo, veio a cada pausa como o estrondo de uma onda que retorna, na execução da Liberalada¹² e da classe dominante. Ao todo, foi uma cena que não será esquecida por um muito tempo. Na apuração dos braços erguidos, muito poucos, e principalmente aqueles dos contratados ou intimidados, foram mantidos para Sir C. Wood; mas quase todos os presentes ergueram ambos os braços para Ernest Jones, em meio a aplausos e entusiasmo que seria impossível descrever.]

O Prefeito declarou o Sr. Ernest Jones e o Sr. Henry Edwards eleitos pelos braços erguidos. Sir C. Wood e o Sr. Crossley então exigiram uma votação.

O que Jones previra teve lugar; ele foi nomeado por 20.000 votos, mas o Liberal Sir Charles Wood e o Homem de Manchester Crossley foram eleitos por 500 votos.

Karl Marx.

New-York daily tribune, 25 de Agosto de 1852.

Em:

<http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030213/1852-08-25/ed-1/seq-5/>

<http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030213/1852-08-25/ed-1/seq-6/>

Library of Congress, Washington, DC

12. Whiggery: aqueles que pertencem à classe dos Whigs, Liberais. Neste caso, o sufixo *-ery* pode ter conotação pejorativa como o sufixo *-ada* em português. Por isso traduzi Whiggery por Liberalada.